

CORPO BAMBU, UMA ARTE SIMBIÓTICA: REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DA CIA NÓS NO BAMBU

Bambu body, a symbiotic art: reflections on the experiences of the group “Nós no Bambu”.

Poema Mühlenberg Homem da Costa ⁱ

Este texto é um relato de experiência. Estamos em 2022 e há 19 anos me dedico a explorar as possibilidades de criação poética entre corpos humanos e formas de bambu em cena. Em 2003 eu estudava Desenho Industrial na Universidade de Brasília e buscava uma prática corporal criativa. Foi assim que cheguei até o professor Marcelo Rio Branco, que me apresentou seu (até então não nomeado) Sistema Integral Bambu. Marcelo criava estruturas de bambu para exploração das potências motoras do corpo. Seu sistema oferece três vertentes de pesquisa, denominadas como as “profissões” de médico, operário e artista. Me encantei pelas possibilidades da proposta. Neste ambiente, encontrei um grupo de praticantes que, assim como eu, tinha uma inclinação ao desenvolvimento da vertente artística. Logo começamos a realizar performances em eventos da cidade, e esta é a origem da Cia Nós No Bambu.

Diversas pessoas participavam das performances, todas praticantes do Integral Bambu. Como filha de produtora cultural, desde o início me interessei pela organização e buscava métodos e processos profissionais para lidar com a equipe e os clientes (desde então, atuo como produtora). Gradualmente, alguns destes participantes se afastaram e outros se somaram, de acordo com o interesse e disponibilidade de se dedicar à pesquisa artística. O núcleo duro da Companhia foi formado por mim - Poema Mühlenberg - Ana Flávia Almeida e Roberta Martins. Além de Liane Maria Mühlenberg, minha mãe, cuja participação ativa desde o primeiro espetáculo de Nós No Bambu elevou a produção da companhia a outros

patamares. Vitor Martim integrou o grupo fundador, atuando tanto em cena como na construção com os bambus¹.

Desde então, Nós No Bambu produziu e circulou com seis espetáculos, além de diversos números e performances; publicou dois livros; produziu três DVDs de espetáculos, um curta-metragem documentário ficcional, e dois documentários de desmontagem de espetáculo; realizou residências artísticas e ações formativas em variados formatos; e levou ao teatro mais de 19 mil estudantes e profissionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e integrantes de projetos sociais.



Uirapuru Bambu: espetáculo performático, 2008. Foto de Alexandre Magno

¹ Diversos outros intérpretes criadores deram contribuições valiosas à Cia Nós No Bambu, aos quais sou muito grata. Destaco entre eles Nara Faria, por sua longa permanência e colaboração tanto como artista quanto como produtora cultural.



Ultrapassa!, 2010. Foto de Daniel Lavenère



Desdobrar, 2012. Foto de Daniel Lavenère

O caráter singular da poética de Nós No Bambu causa reações diversas, de encantamento a estranhamento, este provocado muitas vezes pela dificuldade de situar as obras dentro de classificações linguísticas consolidadas. Assim, um dos desafios encontrados por nós, cofundadoras da companhia, foi explicar o que fazíamos. Isso nos levou a uma autorreflexão, a diversas discussões e à geração de conceitos e definições. Alguns destes, usamos até hoje, outros foram substituídos, como resultado de um constante exercício de diálogo e atualização.

Nossa prática é a síntese de duas linhas de pesquisa constante que se retroalimentam: 1) Material - o bambu, métodos e soluções construtivas e a criação de Instrumentos Acrobáticos com esta matéria-prima. 2) Imaterial - a interação do corpo cênico com as formas de bambu, mesclando circo, teatro e dança.



TEIA (paralaxes do imaginário), 2013. Foto de Humberto Araújo.



Mar sem Beira, 2017. Foto de Daniel Lavenère



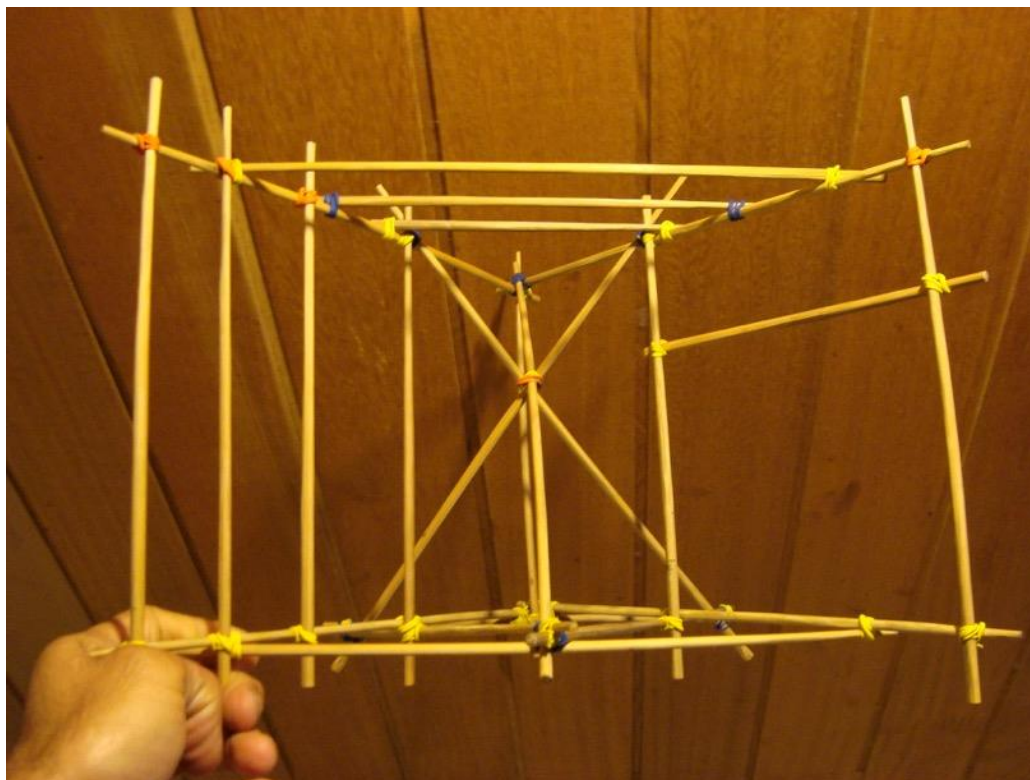
O Vazio É Cheio de Coisa, 2018. Foto de Diego Bresani.

Pesquisa Material - Design Corpo Bambu

Sem as formas de bambu, a companhia não existiria, elas são o pretexto para nos reunirmos e criarmos, e, muitas vezes, são a base sobre a qual os gestos e a dramaturgia são gerados. Para criar estas formas, ao longo de nossa trajetória, contamos com diversas colaborações, entre as quais as mais marcantes são de Marcelo Rio Branco e Jozimar Carmo Marinho; e, de forma mais pontual, Lucio Ventania e Rodrigo Primavera, entre outros vários artesãos bambuzeiros, engenheiros etc.

A pesquisa material nos levou a estudar o bambu em seus aspectos botânicos, mecânicos, culturais, estéticos, poéticos e transcendentais. Desenvolvemos o conhecimento sobre a cadeia produtiva, que consiste resumidamente em: projeto, colheita, tratamento e construção das formas de bambu. Nomeei a concepção projetual de nossas formas de bambu de Design Corpo Bambu. Este conceito abarca o planejamento da forma de bambu, ponderando entre requisitos que organizo em

três grupos: requisitos relacionados à matéria-prima, requisitos ligados à produção cultural e requisitos do corpo cênico.



Maquete da cenografia de Ultrapassa! de Rodrigo Primavera. Foto de Rodrigo Primavera.



Colheita. Foto de Janine Moraes.

O primeiro grupo diz respeito às potencialidades biomecânicas do bambu, às técnicas e às tecnologias construtivas disponíveis, incluindo também a disponibilidade de materiais complementares, as habilidades dos artesãos e a segurança da estrutura para o uso almejado. O segundo reúne as questões relacionadas à realização e difusão da futura obra, com questões como: recursos disponíveis (financeiros, humanos, estruturais e temporais), potenciais mercados e circuitos de difusão, locais onde pretende-se apresentá-la (salas de teatro, praças, etc.), possibilidades de transporte e tempo de montagem, entre outros.

O terceiro inclui fatores como as aspirações artísticas das intérpretes criadoras, suas habilidades e técnicas, pretensões dramatúrgicas, poéticas, simbólicas e estéticas. Incluo aqui também as considerações ergonômicas, que se relacionam diretamente ao dimensionamento e acabamento da forma criada. Passei a chamar a satisfação deste terceiro grupo de requisitos de “funcionalidade artística”, ou seja, a forma a serviço da arte.

Meu entendimento atual sobre estes requisitos vem da experiência na produção dos seis espetáculos realizados e da análise dos resultados artísticos e mercadológicos alcançados. É muito provável que, se tivesse a visão de mercado que tenho hoje, não teria produzido nossas primeiras obras com as formas de grandes dimensões que criamos. Porém, a grandiosidade destas obras fala muito sobre nossos sonhos. E a dificuldade em circulá-las aponta a fragilidade do mercado brasileiro e a ausência de visão ou vontade política sobre os potenciais econômicos, sociais e culturais do circo brasileiro e da arte como um todo.



Tratamento do bambu. Foto de Janine Moraes.



Detalhe de acabamento da amarra do Tripé de Bambu. Foto Janine Moraes.

Instrumento Acrobático Artesanal de Bambu

Chamo de Instrumento Acrobático Artesanal de Bambu o objeto resultante do Design Corpo Bambu. Ao longo de nossa trajetória, já chamamos estas formas de diferentes nomes. Inicialmente, chamávamos de estruturas, um termo que enfatiza as características geométricas, construtivas e mecânicas da forma. Chamamos de esculturas artesanais de bambu, nomeação que faz referência ao aspecto plástico das formas e ao seu método produtivo. Podemos dizer também que se trata de cenografia, uma vez que contribuem para criar o universo no qual a obra acontece.

Alguns observadores chamam de equipamento. Por nossa natureza circense, podemos chamar de aparelho. Este último, para mim, está associado a um domínio do acrobata sobre a forma. Me sugere uma relação hierárquica na qual o humano está acima do objeto, que lhe serve de suporte. O bambu é um material vivo, sensível às condições de temperatura e umidade. Por isso, temperaturas mais altas o tornam mais maleável. Ambientes mais frios deixam sua superfície mais escorregadia. E

estas resultantes são combinadas com o corpo que interage com o bambu, uma vez que alguns artistas transpiram mais do que outros.

Por mais que o bambuzeiro que colha os bambus seja criterioso na escolha das varas, cada uma será única. Não há uma vara de bambu igual à outra. O bambu é uma gramínea lenhosa e a construção de um instrumento acrobático de bambu é, da forma como fazemos, um processo artesanal. É um fazer que depende das habilidades do artesão, do trabalho de suas mãos, de seus gestos e conhecimentos. Desta forma, construir um instrumento de bambu é uma lutheria, na qual a afinação está, por exemplo, no ponto da queima de um bambu e na tensão dada a uma amarra.

Uma vez que o instrumento está pronto, chega uma nova etapa da afinação: a do corpo com o bambu. Cabe ao intérprete criador desenvolver uma intimidade com o instrumento, por meio da prática dos movimentos e acrobacias, da repetição, da sensibilidade. Esta prática é fundamental para aquisição da segurança pelo intérprete. Esta conquista possibilitará ao intérprete entregar-se ao espírito da cena.

Pela mutabilidade do bambu, a tentativa de dominá-lo gera frustração. Aprendi, na base do suor e da persistência, que a relação com o bambu deve ser horizontal, uma relação de diálogo. Uma relação mais próxima da visão dos povos originários sobre a natureza e seus componentes, como seres portadores de consciência, de espírito. Por isso, escolhi chamar nossas formas de Instrumentos Acrobáticos Artesanais de Bambu.

Pesquisa Imaterial

A pesquisa imaterial busca responder às perguntas “o que dá pra fazer com isso?” e “como fazer?”. Ou seja, quais são as possibilidades de interação do corpo com o instrumento de bambu, tanto em termos de gestos/ repertório de movimentos como em estéticas e poéticas.

No trajeto de Nós No Bambu, as intérpretes criadoras, ou bailarinas acrobatas, trouxeram suas bagagens do circo, das danças, do teatro, da cultura popular e das artes do movimento. E fomos alimentadas também pela troca com diretores, coreógrafos, profissionais do movimento, do circo, da dança e do teatro, que contribuíram com seus saberes na construção dessas poética e estética do

corpo. A obra é nutrida pelas contribuições das intérpretes criadoras e colaboradores que a criaram, resultando em corpos diferentes a cada espetáculo.

Defendo que esta linha de pesquisa é imaterial porque o corpo de intérprete criador é um meio, um instrumento, através do qual a arte se expressa. O “o quê fazer” e o “como mover” - a intenção, a técnica, a energia, a emoção e o imaginário - são elementos impalpáveis, vislumbrados somente no instante em que o corpo da artista se coloca a serviço da sua manifestação.

Desde o início no estúdio de treinos do Sistema Integral Bambu, cultivamos o contato direto com a matéria-prima, tanto em situações de suspensão e risco, como na execução de tarefas motoras, e em abordagens somáticas e focadas em autorregeneração. Aprendemos pela escuta do corpo, por seu contato direto com a planta e com a comunidade. A infinidade de possibilidades de resposta gerou um processo de pesquisa constante. Éramos movidas por uma inquietação, pelo desejo de encontrar uma poética de integração do corpo com o bambu que reunisse estas vivências. No início, buscávamos intuitiva e inconscientemente, e aos poucos o caminho foi se revelando.

Roberta Martins, imersa em nosso fazer artístico, contribuiu neste processo intelectual com o conceito Arte Corpo e Bambu:

A arte corpo e bambu nasce do princípio de integração do corpo à uma escultura artesanal que se comporta como um ambiente vivo — e isso muda toda a concepção de abordagem do objeto para a composição artística: é a nossa poética do orgânico. E para atingirmos um alto-desempenho é necessário aprofundar o conhecimento da ecologia que envolve toda a cadeia de processo produtivo. (MARTINS, 2015, p. 78)

Desde então, adotei Arte Corpo Bambu como conceito que sintetiza o fazer da companhia. Atualmente, me interesso por pesquisar essa poética do corpo que coopera com o instrumento. Nessa qualidade de relação, o corpo é afetado pelo bambu em seus gestos, energia, intenções. Este corpo, por sua vez, oferece os materiais coreográficos, e se integra na composição dramatúrgica da obra. É a poética da simbiose do corpo bambu, que, em sua dimensão simbólica e política,

propõe uma relação de cooperação com o meio natural e dá uma contribuição consistente à criação de um circo orgânico.

Referências

BAXTER, Mike. **Projeto de Produto: Guia prático para o design de novos produtos**. 2a edição. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2003.

BORDENAVE, Julie. Agrès: Jouet, Instrument, Extension de Soi? **Territoires de Cirque**. Bourg-Saint-Andéol, França. 8 de jul. 2011. Disponível em: <<http://www.territoiresdecirque.com/ressources/publications/dossiers-thematiques/l-agres-entre-apprivoisement-et-depassement/agres-jouet-instrument-extension-de-soi>>. Acesso em 9 de jul. 2017.

FRATIN, Rogério. **O que é Design**. Designices - Design, Livros, Tipografia e Referências. 9 de nov. 2016. Disponível em: <<http://designices.com/o-que-e-design/>>. Acesso e, 9 de jul. 2017.

IIDA, Itiro. **Ergonomia: Projeto e Produção**. 2a ed. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2005.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. **Teatro do Movimento: Um método para um intérprete criador**. Brasília: LGE Editora, 2003.

MARTINS, Roberta Silva. **Corpo e bambu: arte para communitas do conhecimento sensível: registro de trajetórias, métodos, composições e políticas do cotidiano**. 2015. 249 f., il. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

RIO BRANCO, Marcelo. **Manual do Integrado: Integral Bambu**. Brasília, 2010.

KRENAK, Ailton. **A Vida Não É Útil**. Org. Rita Carelli. 1a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ⁱ Poema Mühlenberg é uma multiartista mestiça brasileira ([@eusoupoema](https://www.instagram.com/eusoupoema)). Atua como circense, dançarina, acrobata, produtora cultural, designer, diretora, coreógrafa, educadora e artesã bambuzeira. Idealizadora da Cia e da Escola Nós No Bambu, de Brasília/DF, referências internacionais na integração entre bambu e circo (www.nosnobambu.com.br / www.facebook.com/nosnobambu). Graduada em Desenho Industrial / Design de Produto pela UNB. Colabora com projetos e criadores no Brasil, Canadá, Espanha, Equador, Argentina, México e Costa Rica. Contato: eusoupoema@gmail.com

